

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ÍTALO VINICIUS DUDA MENDES

**O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO NO CORPO GORDO: Perspectivas
Psicanalíticas**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

ÍTALO VINICIUS DUDA MENDES

**O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO NO CORPO GORDO: Perspectivas
Psicanalíticas**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

ÍTALO VINIVIUS DUDA MENDES

**O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO NO CORPO GORDO: Perspectivas
Psicanalíticas**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 27/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior

Membro: Profa. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda - UNILEÃO

Membro: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa - UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

O Real, o Simbólico e o Imaginário no Corpo gordo: Perspectivas Psicanalíticas

Ítalo Vinicius Duda Mendes
Francisco Francinete Leite Junior

RESUMO

O presente artigo busca apresentar o Real, Simbólico e o Imaginário, tríade de registros desenvolvida por Lacan em 1953 e a temática no que se refere ao corpo gordo. Utilizando-se de conceitos como estágio do espelho, significante, gozo e falta, Lacan dá luz aos três registros que foram fundamentais em suas obras. Nesse sentido, o estudo visa elucidar a historicidade do corpo desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade e como este se apresenta na Psicanálise. Ao passo que apresenta como o corpo gordo, aos poucos foi se distanciando de um sinônimo de luxo e fartura para sinônimo de doença, desleixo e incapacidade do sujeito. Através da análise das obras de Freud, Lacan, Roudinesco, Plon, Chemama e Nasio, o artigo traz à tona como o corpo foi trabalhado dentro da Psicanálise como um importante constituinte do sujeito. Assim, o artigo apresenta a tópica lacaniana e sua relação com o corpo e como o corpo gordo pode ser visto dentro do RSI. Por ser um tema pouco discutido e com uma carência de materiais, viu-se a necessidade de trazer um estudo como esse com o intuito de fomentar novas discussões sobre o RSI e o corpo gordo.

Palavras-chave: Corpo. Corpo gordo. Lacan. RSI. Psicanálise.

ABSTRACT

This article presents the Real, Symbolic and Imaginary, a triad of registers developed by Lacan in 1953 and the theme of the fat body. Using concepts such as mirror stage, signifier, jouissance and lack, Lacan gives light to the three registers that were fundamental in his works. The article aims to elucidate the historicity of the body from Ancient Greece to the present day and how it is presented in Psychoanalysis. While presenting it as a fat body, it gradually moved away from a synonym of luxury and abundance to a synonym of illness, sloppiness and the subject's inability. Through the analysis of the works of Freud, Lacan, Roudinesco, Plon, Chemama and Nasio, the article brings to light how the body was worked within Psychoanalysis as an important constituent of the subject. In the end, the article presents the Lacanian topic and its relationship with the body and how the fat body can be seen within the RSI.

Keywords: Body. Fat Body. Lacan. RSI. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

O corpo sempre foi um importante objeto de estudo para a Psicanálise, foi por meio dos estudos sobre o corpo que Freud desenvolveu teorias como a pulsão, que posteriormente amplia-se para a compreensão de sua dualidade, tem-se também a separação do corpo biológico e do corpo psicanalítico, a teoria da sexualidade infantil e tantas outras teorias que compõem a Psicanálise. Freud (1895), deu início aos estudos sobre o corpo ao ter contato com as histéricas da época. Biologicamente eram mulheres saudáveis, mas que traziam consigo alguma enfermidade justamente no corpo, sejam tremores, cegueiras e paralisias. Sofrimentos sentidos no corpo sem um marcador orgânico condizente.

Freud (1895) viu a necessidade da separação do corpo biológico e criou o corpo psicanalítico, que era o lugar onde se apresentavam os sintomas das histéricas. Foi percebido então que o corpo psicanalítico é o corpo onde essas enfermidades se mostravam quando não acontecia a realização de um desejo que socialmente é proibido ou que moralmente para o sujeito enfermo não era possível acontecer a realização desse desejo.

Ou seja, para a Psicanálise, inicialmente, esse corpo era um lugar de observações e reflexões a partir dos estudos sobre a histeria. Levando em consideração a noção de histeria para a Psicanálise e se afastando da biologia, Freud (1895/2016) criou o corpo psicanalítico, que é alvo do sintoma, onde então, por associação podemos analisar como o corpo gordo pode ser visto pela psicanálise.

Sabemos que hoje em dia o corpo gordo é visto como sinônimo de doença, desleixo ou às vezes visto e invisibilizado e é a partir dessa perspectiva que podemos pensar em como o sujeito gordo. Aquele que foge dos padrões de beleza atuais, lida com essas questões de exclusão e de apagamento e como o corpo pode acabar virando alvo dos sintomas produzidos por essa relação entre sujeito e sociedade que o oprime.

Por volta do século XIX, as mulheres histéricas tinham doenças corporais resultantes de desejos não realizados e uma série de proibições e ao percebemos na contemporaneidade podemos analisar como o sujeito gordo sofre com as proibições e desejos não realizados na sociedade atual.

Esse estudo tem como finalidade acadêmica o sentido de propor uma relação entre o corpo gordo e a psicanálise e discutir como conceitos apresentados por autores como Freud e Lacan podem ser correlacionados com o corpo e principalmente com o corpo gordo.

Por uma perspectiva social vê-se a necessidade de desmistificar os preconceitos em volta de pessoas gordas e entender um pouco mais como a Psicanálise entende o corpo de

peessoas gordas e como essas pessoas podem ter uma visão de seus próprios corpos baseados em conceitos psicanalíticos.

Possui também uma perspectiva pessoal, pois como pessoa gorda o autor deste trabalho viu a necessidade desse assunto ser amplamente discutido no meio acadêmico e por questões de afinidades com o tema da Psicanálise e de uma vivência de pessoa com corpo gordo.

Baseado nos estudos sobre o corpo que ao longo do tempo foram desenvolvidos por outros autores como Michel Pêcheux, Lacan, Vigarello e etc e com a diversidade de corpos que temos hoje em dia, surge então um questionamento: como que o corpo gordo é compreendido pela psicanálise? Como se apresenta no corpo gordo os registros do RSI (Real, Simbólico e Imaginário)?

Lacan, em 1953, cita pela primeira vez o conceito do Real, Simbólico e Imaginário em uma de suas conferências na França. Com o conceito do RSI, Lacan começou a introduzir o inconsciente ao campo da linguagem e dos significantes, fazendo com que os conceitos apresentados por Freud tivessem uma nova leitura. Essa tríade indissociável foi conceituada por Lacan a partir dos textos de Freud, onde este primeiro afirma que mesmo que Freud não tenha falado desse conceito, ele já tinha uma certa suspeita. (JORGE, 2008)

Nesse sentido, temos o objetivo geral: Compreender o corpo gordo a partir dos conceitos Psicanalíticos de Real, Simbólico e Imaginário. E como objetivos específicos: Analisar o que a psicanálise compreende sobre o corpo gordo; Apresentar as compreensões do Real, Simbólico e Imaginário para a Psicanálise; Correlacionar o corpo gordo com o conceito do Real, Simbólico e Imaginário, sob a perspectiva psicanalítica.

2 METODOLOGIA

O presente artigo se configura enquanto uma revisão narrativa da literatura. A pesquisa de artigos foi feita em sites como Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online) e PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico.

Segundo Oliveira, Cunha e Cordeiro, “[...] uma pesquisa de natureza qualitativa busca dar respostas a questões muito particulares, específicas, que precisam de elucidações mais analíticas e descritivas.” (OLIVEIRA, CUNHA, CORDEIRO, 2020. pág. 02). Ainda de acordo com Oliveira, Cunha e Cordeiro, na pesquisa qualitativa, o pesquisador está inserido e ativo no processo de elaboração do conhecimento, sempre analisando e interpretando os dados que

obtem da pesquisa, contextualizando os mesmos de acordo com o tema do seu trabalho/projeto. (OLIVEIRA, CUNHA, CORDEIRO, 2020)

A pesquisa bibliográfica, de acordo com Sousa, Oliveira e Alves (2021) é muito importante para qualquer pesquisa científica e está inserida comumente no meio acadêmico. Tem a finalidade de aprimorar e atualizar o conhecimento sobre determinado assunto por meio de textos e obras já publicadas. Por meio da pesquisa bibliográfica, o sujeito toma conhecimento de outros artigos, textos e obras sobre o tema que está se dispondo a pesquisar, ajudando assim na identificação do problema e em métodos de análise para o mesmo. (SOUSA, OLIVEIRA E ALVES, 2021).

3 CORPO E TEMPO: AS DIVERSAS REPRESENTAÇÕES DO CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA

Atualmente o corpo é um assunto que está em alta e vem sendo muito discutido, seja pela mídia, pelo boom das redes sociais como Instagram e Twitter, onde pessoas expõem suas vidas e conseqüentemente seus corpos, dos mais diferentes tipos, formas e tamanhos. Mas sabemos que o corpo nem sempre seguiu um mesmo padrão nos diferentes momentos da História, em que podemos destacar alguns aspectos.

Começando pela Grécia Antiga, o corpo passava por um tipo de adoração. Corpos fortes, viris, atléticos e férteis eram os mais cultuados e tais características podem ser percebidas nas estátuas que eram esculpidas em peças de mármore. Foi nessa época em que os Jogos Olímpicos foram criados, dando mais evidência a esse corpo atlético e forte. Em Esparta, cidade das guerras, o treinamento do corpo tinha a intenção de criar bons soldados e toda a educação era voltada para a fortificação corporal desse soldado. Já em Atenas, o corpo não tinha a finalidade da guerra, mas sim a beleza. As práticas corporais eram focadas na criação de um ser humano belo e bom. (FARHAT, 2008)

Na Idade Média, toda essa glorificação do corpo acaba por ser negada e o corpo agora era visto como pecador. O corpo sexuado, atlético e belo já não era valorizado, já que a igreja pregava que somente a alma tinha salvação, ou seja, qualquer culto ao corpo era proibido.

Nesse período, a base da sociedade era o Teocentrismo, a Igreja ganhou espaço para influenciar a vida das pessoas, ditando a moral e os costumes, a forma de vestir, pensar e se relacionar. Nas artes, por exemplo, era comum ver pessoas muito vestidas, com muitas roupas e pouco volume corporal. (FARHAT, 2008) (CASSIMIRO, GALDINO, 2012).

No século XV, surgiu na Itália o movimento Renascentista, que começou a questionar as ideias propagadas pela igreja na Idade Média. É no Renascimento que o corpo volta a ter

uma importância maior. Segundo Cassimiro e Galdino “O ideal de corpo passou a ter um caráter mais humanista, diferente do ideal concebido pela Igreja na Idade Média.” (CASSIMIRO, GALDINO, 2012). Além de outras áreas da humanidade como ciência e filosofia, o corpo começou a ganhar espaço novamente e tais mudanças podem ser vistas nas pinturas dos artistas renascentistas como Da Vinci e Michelangelo.

Por fim, na contemporaneidade, o corpo acaba por assumir um papel de mercadoria e alvo de comercialização, principalmente por causa da ascensão do capitalismo e a exposição nas mídias. Santaella (2004) diz que o corpo, atualmente, é uma das mercadorias preferidas da mídia, modificações como tatuagens, piercings, corpos musculosos e tudo que o destino final é o corpo é muito vendido hoje em dia e chega a conclusão de uma onipresença corporal, mostrando que tudo tem o corpo envolvido.

As discussões sobre corpo em Psicanálise estão intrinsecamente relacionadas às noções de histeria e pulsão. Conceitos de grande relevância nos escritos em Psicanálise, histeria e pulsão são conceitos resultantes dos estudos de Freud sobre o corpo. Na gênese da psicanálise, temos que levar em conta que Freud ainda estava muito ligado à biologia por conta de sua formação médica, onde tentava entender as raízes das doenças sem explicações que apareciam nas clínicas médicas da época.

Ao oferecer espaço de escuta às histéricas, mulheres tidas como loucas, Freud(1880) percebe que a fala acaba atravessando o corpo e vice e versa.

Quando Freud decide que as histéricas, acusadas de mentirosas, têm o direito de falar e leva a sério o que elas dizem, ele constitui um novo campo. Daí se apercebe que as pessoas, ao falarem, dizem mais do que imaginam estar dizendo. Cria, então, o conceito-chave de inconsciente, e percebendo que este obedece a uma certa lógica; a partir daí, concebe a noção de repressão ou recalque.(LAZZARINI e VIANA, 2006, pág. 243)

Fernandes (2003) alega que Freud(1880), depois de ouvir suas histéricas, percebe que o corpo biológico, corpo este onde se mostra o sintoma, é perpassado por um conflito de ordem sexual, onde esse corpo se afasta da biologia e se aproxima de um corpo tido como popular e não científico.

Ainda com Fernandes (2003), o autor explicita que o corpo biológico é o corpo que obedece às leis da anatomia, dos órgãos, um corpo orgânico, já o corpo da psicanálise é um corpo que obedece às leis do desejo do sujeito, onde se constitui um funcionamento com a história do mesmo.

Por meio das experiências com suas histéricas e fazer uma cisão entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico, Freud acabou por desenvolver, inicialmente, a teoria da sexualidade infantil, causando uma mudança de grandes proporções nas teorias de sexualidade infantil da

época. A partir da escuta das histéricas, Freud acabou por perceber que toda fala remetia a um conteúdo sexual vivido na infância por meio de algum outro adulto.

Lazzarini e Viana (2006) afirmam que na teoria de Freud esse conteúdo sexual se daria em dois tempos: a experiência vivida em si na infância, onde essa não teria um efeito imediato pois a criança não possui ainda uma maturação biológica e intelectual para entender tal conteúdo, mas que na puberdade uma outra cena com conteúdo sexual evocava a primeira, vivida na infância onde agora assumiria um valor traumático.

Foi a partir da teoria da sexualidade infantil que Freud (1905) criou a teoria da pulsão, que inicialmente foi dividida em pulsão sexual e pulsão de autoconservação, onde segundo Lazzarini e Viana (2006) as primeiras eram referentes ao campo dos objetos e as segundas eram referentes ao campo do eu e Freud acreditava inicialmente que o eu era regulado pelos interesses do sujeito na autoconservação e não de maneira sexual, mas a pulsão em si estava no corpo somático, mas nascia dele.

Já com a teoria da pulsão sexual, Freud preenchia uma lacuna que ficou aberta na teoria da sexualidade após abandonar a teoria da sedução parental. Bastos (1998) explica um pouco melhor esse preenchimento feito por Freud quando diz que

O corpo sexual é o corpo infantil seduzido e apossado pela pulsão. Ele não surge com a puberdade. É produto da sexualidade infantil. A sexualidade infantil nasce apoiando-se nas funções vitais promotoras de excitações corporais indistintas na sua origem que, no divórcio entre a necessidade e o desejo, configuram, de um lado, o corpo das necessidades vitais e, de outro, o corpo do desejo sexual (BASTOS, 1998 p. 75).

É na infância, após passar por uma experiência de conteúdo sexual, que segundo Guimarães “designa um modo de sexualidade que está presente na infância, mas se prolonga, jamais sendo superada, por toda vida [...]” (GUIMARÃES, 2012, p. 54) que o sujeito acaba por “desenvolver” um corpo sexual tomado pela pulsão, ou seja, esse corpo sexual não nasce na puberdade, apenas é tomado conhecimento desse corpo após o sujeito reviver uma experiência sexual que vai remeter àquela primeira experiência vivida na infância, é como se o corpo sexual nascesse na infância e ficasse em estado de latência até a puberdade.

Após apresentar a concepção de corpo para Freud, não podemos deixar de ir mais além e explorar a abordagem do corpo para a teoria de Lacan. De acordo com Chemama (1995), em 1936, no seu artigo de nome “A Família” Lacan fala sobre o estádio do espelho, que nessa época foi chamado pelo psicanalista de “fase do espelho” em sua teoria. Mas é apenas em 1949 que ele apresenta o seu famoso ensaio intitulado “O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu” (*“Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je”*) durante o Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique.

Nesse ensaio, segundo Cukiert e Prizskulnik (2002), Lacan discute a experiência do bebê diante do espelho e como esta mesma contribui para a formação da identidade e do eu. Baseado na ideia de que o eu se constitui, em primeira instância, na semelhança da imagem do outro, Lacan mostra que o desconhecimento e a alienação são constitutivos do eu. .

No estágio do espelho, a criança, ao se deparar com sua imagem refletida, começa a identificar a diferença entre o seu corpo, o corpo de sua mãe e os objetos externos à sua volta. É nesse processo de reconhecimento e ao mesmo tempo de desconhecimento do seu corpo que “a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho.”(ROUDINESCO, PLON,1998, p.194).

Ao passar pelo estágio do espelho, a criança entra em um momento jubilatório, que de acordo com Lacan (1962-63) é quando, ao se reconhecer na sua própria imagem à sua frente, a criança assume-se como totalidade que funciona tal qual sua imagem especular e tal momento é seguido por uma ação motora onde a criança vira sua cabeça para o semelhante a quem a segura e depois volta a contemplar-se no espelho.

Para Lacan, é “através desse movimento de virada da cabeça, que se volta para o adulto, como que para invocar seu assentimento, e depois retoma à imagem, ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem.” (LACAN, 1962-63/2005, p. 41).

A criança busca no outro um reconhecimento e a afirmação de que aquele é o seu corpo e que ele é separado de tudo e todos a sua volta e para Chemama (1995), o mais importante e essencial de todo esse processo é quando a criança busca por esse reconhecimento e ele é afirmado pela mãe. É quando “um "és tu", dará um "sou eu".”(CHEMAMA, 1995, p. 58). É nesse momento que a criança, após passar essa experiência com o corpo, começa a se reconhecer como um diferente de tudo ao externo e passa a perceber os limites físicos do seu corpo, ou seja, onde ele termina e onde começa o corpo do outro e os objetos à sua volta.

O corpo está presente na constituição inicial do sujeito e segundo Nogueira (2017)

[...]o corpo desempenha, na constituição do eu, um papel que se define como da função – enquanto corpo próprio em sua vitalidade original – e também pela forma – como estrutura provinda de uma experiência especular da imagem do corpo, seja diante o espelho, seja também diante do corpo do outro. Dito de outra maneira, de fora para dentro, já que os elementos mais importantes advêm do exterior. (NOGUEIRA, 2017, p. 41.)

Para Lacan, é na ocasião inicial do estágio do espelho que aparece o narcisismo na criança, que é de suma importância para que ocorra, segundo Coppus (2008), a constituição e uma imagem do próprio corpo da criança, imagem essa capaz de ser investida de libido.

Seguindo ainda a ideia de corpo para Lacan, podemos trazer o conceito de gozo, que não foi muito discutido em Freud, mas que foi amplamente discutido por Lacan. Roudinesco e Plon (1998) trazem que Lacan fez uma separação do gozo e do prazer, mostrando que o gozo ultrapassa o sentido de prazer sexual comumente empregado. “Esse movimento, ligado à busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro, é causa de sofrimento; mas tal sofrimento nunca erradica por completo a busca do gozo.” (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 300).

Na criança, o gozo diferente do prazer aparece inicialmente na amamentação, onde a mesma sacia sua vontade orgânica da fome mas continua na ação de mamar pois o fato da repetição de sucção lhe causa prazer. O gozo aparece como uma repetição de uma ação e Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 299) precisamente no momento em que a criança, satisfeita a sua necessidade orgânica, já não se entrega tanto à sucção, mas ao chuchar — o nascimento dessa atividade repetitiva, da ordem do gozo, que assinala a entrada na fase de autoerotismo”.

4 DO CORPO FARTURA AO CORPO (IN)VISÍVEL: O CORPO GORDO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Como visto anteriormente, o corpo, ao longo do tempo passou por diversas mudanças como a negação e silenciamento na Idade Média e depois sua ascensão no Renascimento. Mas é na contemporaneidade que, de acordo com Cassimiro e Galdino (2012), por meio de tecnologias e dos meios de comunicação, o ser humano começou uma busca por um padrão de beleza desnatural para tentar satisfazer seus desejos. Ainda com os autores, esse desejo vem de uma exigência de inclusão social em uma sociedade onde tudo pode se transformar em mercadoria, inclusive o corpo.

O que não podemos negar é que atualmente temos uma gama de tipos corporais que estão presentes nos mais diversos ambientes, seja na mídia ou nas redes sociais. No Brasil, principalmente por conta da miscigenação racial e cultural, temos uma enorme diversidade de corpos, sejam altos, baixos, brancos, negros, amarelos, magros, gordos e etc. Mas ao mesmo tempo em que temos uma diversidade cultural e corporal muito grande, nós seguimos um padrão ainda dualístico em relação aos corpos dos sujeitos.

Nechar (2018) nos traz uma ideia de um paradoxo social muito forte, onde ao mesmo tempo que temos amplas culturas misturada em nossa sociedade, ainda temos uma visão binária em relação aos corpos. Qualquer corpo que seja diferente daquele corpo magro e esbelto que

aparece nas mídias é tipo como ruim, incapaz, improdutivo e essas características recaem majoritariamente sobre o corpo gordo.

Vasconcelos et. al. (2004) dizem que

Atualmente, encontra-se no sujeito que apresenta um corpo denominado de gordo a questão do mal-estar subjetivo. Esse corpo está associado a um imaginário social próprio que ao ser divulgado pela mídia impressa, faz entrever um corpo impregnado de preconceitos, discriminações e estigmas, por representar, na sociedade contemporânea, tanto um caráter pejorativo de uma falência moral quanto um corpo com falta de saúde. O gordo ao violar a norma social vigente, torna-se um paradigma estético negativo. (VASCONCELOS et. al., 2004, pág. 66)

O corpo gordo, na maioria das situações, vai ser percebido como incapaz e quase sempre associado à falta de saúde e a improdutividade nessa sociedade capitalista ao qual estamos submetidos. Um corpo tipo como improdutivo é um corpo sem necessidade e descartável e por vezes, segundo Vigarello (2012), são taxados de monstruosidades e considerados grotescos.

Podemos perceber que no imaginário social, o corpo gordo está constantemente perpetuado por estigmas e preconceitos. Ainda de acordo com Vasconcelos et. al. (2004), o ato da sociedade em exaltar o corpo magro acaba por transformar a gordura em um símbolo de falência moral, e a pessoa gorda, além de apresentar um peso tido como inadequado, começa a carregar um estigma pejorativo de enfermidade, por exemplo. Nechar (2018), informa que no século XIX, com os avanços na área da medicina, a gordura (e o próprio gordo) passa a ser atrelado a um perigo para a saúde e relacionada a várias doenças.

A partir dessas concepções, vê-se que o imaginário social onde o outro, por meio da fala, diz que o corpo gordo é incapaz e perpetua preconceitos contra pessoas gordas. Assim, acaba por afetar a saúde mental desses sujeitos a ponto de vermos constantemente a luta contra a gordura e/ou uma manutenção da magreza.

Veículos de informação como a mídia e a indústria da moda também foram muito influentes na manutenção desse imaginário social onde o corpo gordo é invisibilizado. Lazzarini, Batista e Viana (2013) completam que somente ao ver as roupas que são ofertadas nas lojas, onde as mesmas não contemplam o corpo gordo, acabam de certa forma fazendo com que o imaginário social acabe por desejar um corpo magro.

Ainda de acordo com os autores, os discursos presentes nas mídias acabam por bombardear o sujeito contemporâneo com a ideia da exigência de um corpo magro. Ao pensar nesses pontos, vemos que cada vez mais ocorre um afastamento de um corpo acima do peso, gordo ou obeso.

Chega a ser quase impossível pensar na invisibilização do corpo gordo sem perceber que há um imaginário social existe todo um discurso anti-gordura. É também quase impossível

pensar que esses discursos não atravessam gordos e gordas, já que estamos inseridos no social e nesse social, o corpo é a porta de entrada das relações.

Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004) trazem que o modo como o sujeito se reconhece, sente e lida com o seu corpo é um reflexo claro da relação coletiva em que está inserido. O corpo passa primeiro a existir e ter um sentido dentro do contexto social ao qual se encontra, contexto social esse que vai o construir, atribuindo-lhe representações de sentido, imagens e significados dentro de um contexto simbólico, mostrando que o corpo é um fator social.

Para Le Breton (2012), o corpo passa a ser o principal meio de relação entre sujeito e mundo e acaba desenvolvendo a teoria de promoção do corpo a *alter ego*. Para o autor, “busca-se uma sociabilidade ausente, abrindo em si uma espécie de espaço dialógico que assimila o corpo à posse de um objeto familiar, ou o alça à posição de parceiro” (LE BRETON, 2012, p. 249).

O corpo acaba tomando uma importância maior do que o próprio sujeito nas mais diversas relações humanas, ora quantas vezes comentários como “é tão bonito de rosto, pena que não cuida do corpo” já foram ditos sobre pessoas que estão acima do peso.

Ou mesmo em uma consulta médica onde o resultado vai ser sempre o mesmo “você precisa perder peso”. É preciso entender que o corpo gordo ou a obesidade não estão sendo romantizados aqui, mas o intuito é mostrar que o corpo de pessoas gordas é percebido antes mesmo do sujeito que vive dentro deste.

Vigarello em seu livro “As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX.” (2012) nos mostra como o gordo foi mudando no decorrer do tempo. Se antigamente, ter uns quilos a mais era sinal de saúde e fartura, hoje em dia é sinal de descuido e falta de saúde a não ser que esse sujeito ainda seja uma boa mão de obra no mercado de trabalho. Se o sujeito gordo ainda não foi descartado pelo capitalismo, sua gordura passa a ser explicada pela sua profissão.

Para Lazzarini, Batista e Viana (2013), o sujeito gordo não é afetado pelos julgamentos sociais ao qual normalmente passaria a depender da sua profissão e passa a ser aceito culturalmente como alguém que possui aquela forma por conta do trabalho que exerce. Para os autores, trabalhadores braçais ou levantadores de peso, por exemplo, acabam por ser considerados apenas fortes e não mais pessoas gordas. Para o imaginário social, a gordura em excesso em seus corpos e as grandes quantidades de alimento ingeridas são explicadas por suas profissões e essa acusação social no “discurso moral da dieta” (LAZZARINI, BATISTA E VIANA, 2013, p.75) acaba sendo neutralizada.

5 UMA NOVA TÓPICA? UMA NOVA VISÃO? UM NOVO CORPO?: O REAL, SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO FRENTE AO CORPO

Em sua obra, Lacan propôs uma perspectiva singular, introduzindo os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário. Essas categorias fornecem um arcabouço teórico essencial para a compreensão do sujeito e suas relações com o mundo, auxiliando inclusive para a produção deste estudo

No ano de 1900, Freud cria o conceito de tópica, a tópica freudiana, que consiste na distinção entre o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Mas em 1920, Freud acaba criando uma segunda tópica, onde fez intervir três instâncias: o isso, o eu e o supereu. Seguindo nessa mesma esteira, Lacan introduz sua própria tópica do real, simbólico e imaginário. (ROUDINESCO E PLON, 1998).

“É eminentemente a partir do texto de Freud que Lacan elabora sua tríade. O imaginário remete ao narcisismo, à fantasia; o simbólico, ao tratamento pela fala, ao representante da representação, ao Mito Edípico; e o real remete ao recalque originário, gerando a impossibilidade de dizer a verdade toda, e também, ao trauma e aos fenômenos psicóticos, que escapam à representação. Se Freud se destaca como "O" predecessor de Lacan, este último, para criar sua tríade, vai precisar da contribuição de outros autores.” (LABERGE, 2009, p. 01)

Mas a tríade de tópicos de Lacan não seguiu uma constância desde sua criação, passando por duas mudanças. Como indicam Cesarotto e Leite (1993), tendo Freud como pano de fundo, existe sim uma constância no discurso de Lacan, mas no sentido de nunca ter abandonado sua tópica do RSI. Mas os registros passaram por diversas épocas, adotando em cada uma delas novas precisões, mas sem nunca terem sido abandonados como “pedra de toque”(CESAROTTO E LEITE, 1993, p. 164).

Esses processos de mudanças vão ser explicados por Roudinesco e Plon (1998), onde “na primeira (1953- 1970), o simbólico exerceu a primazia sobre as outras duas instâncias (S.I.R.) e, na segunda (1970-1978), o real é que foi colocado na posição dominante (R.S.I).” (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 755).

Devemos levar em conta que, por mais que Lacan não tenha inicialmente conceituado os três registros de uma só vez, eles precisam ser pensados como uma estrutura e inseparáveis, onde um não pode ser apresentado de forma isolada dos outros dois. Cesarotto e Leite (1993) nos mostram que quase como um acaso, Lacan acabou encontrando uma forma para representar a tríade do Real, Simbólico e Imaginário, a forma do nó borromeano, constituído por três círculos entrelaçados e inseparáveis.

Segundo os autores citados, a propriedade única dessa forma consiste em que, se um desses círculos for cortado, os outros dois não conseguiram mais ficar unidos, mostrando que não é possível separar essa tríade. “Se [...] era dito [...] que os registros estavam enlaçados, [...] mais tarde foi encontrado, na topologia, o modelo adequado para que a afirmação deixasse de ser apenas retórica, transformando-se em algo real, um nó de verdade.” (CESAROTTO E LEITE, 1993, p. 166).

Neste sentido, começando pelo registro do Real, vou tentar elucidar o conceito de cada um dos registros do RSI baseando minha fala em outros autores e como eles se apresentam na relação com o corpo.

Vandermersch (2013) apud Teixeira (2019) lista algumas das principais definições que Lacan deu para o real. Para Lacan, o Real é aquilo que sempre retorna para o mesmo lugar, o que surge como que por acaso no encontro falhado (recalque). É o que se demonstra como impossível e é aquilo que é estritamente impensável e logo não se tem ideia. Teixeira (2019) ainda nos apresenta outra definição para o Real por via da negação. Para o autor “a definição mais elementar do Real seja a definição negativa: o que não é Simbólico, tampouco Imaginário.” (TEIXEIRA, 2019, p. 208).

Mas ao mesmo tempo em que o Real é aquilo que não é Simbólico e nem é aquilo que é Imaginário, para Lacan, ele “só pode ser definido em relação ao simbólico e ao imaginário.” (CHEMAMA, 1995, p. 192), reforçando assim a ideia de que os três registros são interligados. De acordo com Chemama (1995), o Real não corresponde a essa realidade simbólica que aparece na filosofia como "representação do mundo exterior".

Para o autor, o Real é o que foi expulso da realidade pelo Simbólico mas que sempre volta na realidade para um lugar onde o indivíduo não o encontra ao não ser por um encontro onde o sujeito acaba despertando do seu estado ordinário. “Definido como o impossível, o real é aquilo que não pode ser simbolizado totalmente na palavra ou na escrita e, por consequência, não cessa de não se escrever.” (CHEMAMA, 1995, p. 192).

Cesarotto e Leite (1993) tomam o Real também com uma ideia de negativa, assim como Teixeira (2019), onde o Real, carecendo de um sentido, não pode ser simbolizado ou imaginado. Desprovido de qualquer limite, o Real é incontável e fora de cogitação. Cesarotto e Leite (1993) completam que o Real deixa a mostra um problema entre o sujeito e o objeto, já que “A reflexão a seu respeito traz de novo o velho problema da incompatibilidade cognitiva entre o sujeito e o objeto. Relação impossível, por ser o segundo sobredeterminado e o primeiro, subvertido por seu desejo. (CESAROTTO E LEITE, 1993, p. 166).

De acordo com Victória (2015) o corpo Real é o nosso corpo “bio-lógico”, é o nosso

corpo de carne e osso, o físico, o material, é o corpo que em certo nível é autônomo da consciência. Mas esse corpo não fica imune aos processos que desorganizam a lógica “bio” vinda do inconsciente. Esse corpo real mesmo sendo independente a um certo nível, não consegue existir por si só, na verdade esse corpo só começa a existir de fato quando o mesmo é falado, nomeado.

De acordo com Nacht (2000) “este corpo real pode ser identificado como o recalcado do corpo do desejo inconsciente. É um corpo inconsciente que insiste atrás destas representações não faladas” (NACHT, 2000, p. 208).

Cukiert (2004) ainda diz que o corpo, visto pelo Real conta com a introdução do conceito de gozo, gozo este que é diferente do prazer, o que possibilita definir as diferentes relações de satisfação que o sujeito falante pode ter no uso de um objeto desejado, por exemplo. Assim a autora completa que essa satisfação também se inscreve nos sistemas simbólicos que dependem da linguagem.

Partindo para o Simbólico, Roudinesco e Plon (1998) dizem que o termo surgiu nas obras de Lacan em 1936, quando o psicanalista fez um comentário sobre o estágio do espelho que tomou de empréstimo de Henri Wallon (1879-1962). Mas foi somente em 1953 que Lacan conceituou o Simbólico ao lado do Real e do Imaginário.

É na linguagem que o Simbólico se apresenta. Cesarotto e Leite (1993) comentam que é por meio da linguagem que o Simbólico se expressa de forma mais concreta, regendo o sujeito e o inconsciente. É por meio dela que culturas se criam, onde a lei da palavra barra o incesto e nos faz ser diferente de todos os outros animais. Para Chemama (1995) a palavra não só organiza a realidade como dá ao homem o único meio de acesso a essa realidade e ao outro.

É no Simbólico que se cria a falta, falta essa que não está presente no Real. Para Lacan,

“A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. E na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu. Não há melhor referência do que esta: pensem no que acontece quando vocês pedem um livro numa biblioteca. Dizem-lhes que não está no lugar, ele pode estar bem ao lado, mas ainda assim, em princípio, falta no seu lugar -ele é, por princípio, invisível. Isso quer dizer que o bibliotecário vive inteiramente num mundo simbólico. Quando falamos de privação, trata-se de objeto simbólico, e de nada mais. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 38)

Existem ainda três conceitos que não podem ser separados na explicação do Simbólico: o significante, a forclusão e o Nome-do-Pai. Roudinesco e Plon (1998) explicam um pouco mais a relação entre o Simbólico e esses três termos. Segundo os autores, o significante é a própria essência da função simbólica, sua “letra”. Já a forclusão é o processo psicótico por onde o Simbólico desaparece. Por fim no Nome-do-Pai o Simbólico integra-se na lei da proibição do incesto.

Já o corpo Simbólico é o corpo dos signos e significados, seguindo com Victória (2015) o corpo Simbólico vai se formando desde o seu nascimento, ou até mesmo antes desse ato, são os significantes dirigidos e/ou associados ao futuro sujeito e que vão criando um campo propício para o desenvolvimento do sujeito.

O corpo simbólico é aquele em que, mesmo antes do nascimento, os pais já ditam o nome do filho, seu estilo de vida, sua profissão e o seu futuro. É “A instância simbólica, ou seja, as palavras advindas dos outros, vai animar o corpo real, no sentido original, de animare, do latim: dotar de vida (animus: espírito, energia, coragem, audácia, vontade, desejo e paixão).(Victória, 2015, pág. 46).

Para Cukiert (2004), no registro do Simbólico verifica-se a relação entre fala-linguagem-corpo. A autora, baseada no texto de Lacan chamado “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise” (1953), mostra que o corpo é atravessado pelo Simbólico. É um corpo que serve de suporte para o significante, onde diversas partes desse corpo podem servir de significantes, ou seja, vão além da sua função no corpo vivo.

No registro faltante, o Imaginário, é onde será constituído “o registro do engodo e da identificação.” (CHEMAMA, 1995, p. 104). Para Cesarotto e Leite (1993), o Imaginário possui dois viés, onde o primeiro fala sobre a ilusão da autonomia da consciência e o segundo está ligado diretamente ao campo das representações e imagens, que são matérias-primas da identificação.

Roudinesco e Plon (1998) apontam que em um primeiro momento, Lacan trouxe o Imaginário (antes de ser considerado um registro junto do Real e do Simbólico), como resultado do processo do estágio do espelho, onde o sujeito passa do especular para o Imaginário. Somente em 1953 é que o psicanalista definiu o Imaginário como um engodo que está ligado à “experiência de uma clivagem entre o eu (moi) e o eu ([je] o sujeito).” (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 371). Ainda de acordo com os autores, é no Imaginário que se encontram as ilusões do eu, a alienação do sujeito e a ideia de fusão com o corpo da mãe.

Retornando para Chemama (1995), o autor diz que o Imaginário deve ser entendido a partir de imagens, é o registro do eu que comporta a alienação, o desconhecido, do amor e da agressividade na relação dual.

Por fim, no corpo Imaginário, como diz Victória (2015), é o corpo que se forma a partir da visão do outro. É a instância do imaginário que une o real com o simbólico. O corpo imaginário vai se moldando a partir de toques, carícias como se fosse uma massinha de modelar e é na fase do espelho (estádio do espelho) que esse processo se inicia. É no corpo imaginário que o sujeito se vê a partir da visão do outro e que é atravessado pela fala desse outro, por

exemplo, se uma criança cresce ouvindo que ela é feia ou gorda, ela vai começar a se imaginar e se ver desse jeito.

Segundo Cukiert (2004), é no Imaginário que se forma o corpo próprio do sujeito, a partir do outro, de uma alienação no outro. É quando ocorre a constituição subjetiva do indivíduo e a imagem assumida por este.

Vanier (2005) nos traz uma ideia simples e coesa dos três registros criados por Lacan. Para a autora

“O Simbólico remete simultaneamente à linguagem e à função compreendida por Lévi-Strauss como aquela que organiza a troca no interior dos grupos sociais; o Imaginário designa a relação com a imagem do semelhante e com o ‘corpo próprio’; o Real, que deve ser distinguido da realidade, é um efeito do Simbólico: o que o Simbólico expulsa, instaurando-se. Essas definições antecipam o que Lacan propõe em 1953 (VANIER, 2005, p. 18-19).”

Podemos nos perguntar neste momento: como podemos ver os três registros da tópica lacaniana no corpo gordo? O Real, seguindo pela noção de gozo distinto do prazer apresentado por Cukiert (2004), vamos pensar na relação da pessoa gorda com o seu próprio corpo e com o alimento, por exemplo. No Real, o corpo gordo vai ser aquele corpo biológico, carne e osso. É um corpo que não está dotado de falta, pois essa falta não se apresenta no registro do Real. Já na relação de gozo com o alimento, a pessoa gorda pode por vezes alimentar-se de forma excessiva com o intuito de satisfação, mas esse sentimento de satisfação por vezes nunca é saciado, fazendo com que ocorra uma repetição dessa ação de comer.

É então no Simbólico, após ser inserido na linguagem, que o sujeito gordo vai se reconhecer como gordo e como um corpo dotado de falta. Para Lacan “A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica.” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 38) e o que seria essa falta? Ora, pode ser a falta de um lugar na sociedade que se constitui a partir da linguagem, como dizem Cesarotto e Leite (1993). É a partir do Simbólico que a pessoa gorda vai notar que seu corpo não é adequado para uma sociedade que cultua a magreza. O corpo gordo então é atrelado a diversos símbolos, tais como um corpo mal cuidado, um corpo sem saúde. E é este corpo atravessado pelo Simbólico que vai ser alvo das relações sociais como diz Le Breton (2012) em sua teoria do *alter ego*.

No Imaginário, a pessoa gorda passa a ver-se como alguém que está acima do peso e reconhece esse fato a partir da identificação e alienação com o outro. Como nos diz Vanier, é no Imaginário que ocorre “a relação com a imagem do semelhante e com o ‘corpo próprio’.” (VANIER, 2005, p. 18-19). Em uma sociedade onde a imagem do gordo perde espaço para a imagem do magro, o sujeito gordo acaba por internalizar que o seu corpo não é adequado e que precisa ser mudado para então conseguir adentrar no imaginário social.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de pesquisa deste trabalho foi desafiador e enriquecedor. Desde o momento em que foi definida a pergunta de pesquisa até o processo de escrita, pude vivenciar o processo de investigação e aprofundamento no tema. Agora, nas considerações finais, compartilho minhas reflexões sobre essa jornada e as lições aprendidas ao longo do caminho.

No início do estudo, podemos ver como o corpo sofreu diversas mudanças no decorrer do tempo, desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade. Nesse percurso, foi dado um enfoque maior sobre como o corpo foi importante para a teoria psicanalítica de Freud, onde o mesmo fez a cisão entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico. Em Lacan podemos ver como o corpo está intrinsecamente ligado na formação da subjetividade e do eu.

Apresentamos os três registros da tópica lacaniana, o Real, Simbólico e Imaginário, sua importância para a teoria de Lacan e para a Psicanálise como um todo. Vimos como o corpo pode ser conceituado dentro do RSI e indo mais além, houve uma tentativa de conceituar o corpo gordo dentro dessa tópica. Sim, tentativa.

No Real, percebe-se uma relação do sujeito gordo com o seu corpo orgânico, um corpo físico que no Real não é dotado de falta mas que ao mesmo tempo é um corpo impossível de se imaginar. Nota-se também a relação entre o gozo e alimentação, pois é nessa repetição da ação de alimentar-se no intuito de satisfazer algum desejo que o sujeito pode acabar ganhando alguns quilos.

É então no Simbólico que o corpo gordo passa a ser um corpo faltante e dotado de símbolos. Para a sociedade, que se forma a partir da linguagem, símbolos e significantes, o corpo do sujeito gordo é tomado como uma enfermidade, um descuido, desleixo, mesmo que o indivíduo que ocupa esse corpo esteja saudável e se cuide diariamente.

Por fim, no Imaginário, o sujeito, por meio da alienação no outro, acaba por se reconhecer como um corpo diferente, um corpo que precisa entrar no padrão de uma sociedade gordofóbica para que assim o sujeito saia de um corpo invisibilizado para um corpo possível de adentrar no imaginário social.

Conclui-se, portanto, que a carência de autores e materiais que abordam o corpo gordo dentro do Real, Simbólico e Imaginário foi um grande obstáculo tido por mim nesse estudo. E por conta desse fato, este tema me provoca ainda mais a sede de continuar pesquisando o corpo gordo dentro da Psicanálise. Apesar dessa carência de materiais que abordam a relação entre

corpo gordo e o RSI, concluo que, com a análise das obras e estudos citados, foi possível fazer uma ligação entre o corpo gordo em cada um dos registros da tópica lacaniana.

REFERÊNCIAS

BASTOS, L. A. M. (1998). **Eu-corpando. O ego e o corpo em Freud**. São Paulo: Escuta Ltda.

CASSIMIRO, E. S.; GALDINO, Francisco Flávio Sales; SÁ, Geraldo M. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade**. *Revista Eletrônica Print, São João Del Rei*, n. 14, p. 61-79, 2012.

CESAROTTO, Oscar; DE SOUZA LEITE, Marcio Peter; PUJO, Mario. **Jacques Lacan: uma biografia intelectual**. Iluminuras, 1993.

CHEMAMA, R. (1995). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas.

COPPUS, Alinne Nogueira Silva. **Do corpo imaginário ao corpo marcado pelo objeto a no ensino de Lacan: uma torção**. *Reverso*, v. 30, n. 56, p. 71-75, 2008.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 143-149, 2002.

DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago et al. **Grupo focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa?**. *Cadernos da FUCAMP*, v. 19, n. 41, 2020.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021.

DE VASCONCELOS, Naumi A.; SUDO, Iana; SUDO, Nara. **Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia**. *Revista mal-estar e subjetividade*, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004.

FARHAT, Damian Guimarães Konopczyk Maluf. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje**. 2008.

FREUD, S. Freud (1893-1895) - **Obras completas volume 2**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2016.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 15, n. 1, p. 53-66, 2012.

LABERGE, Jacques; **DO TEXTO DE LACAN**, Medeiros; SYM, Le. Predecessores da Tríade—“O Simbólico, O Imaginário e o Real”. **Revista Veredas**, n. 4, 2009.

LACAN, J. (1962-63). **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques, 1901-1981. **O seminário, livro 4: a relação de objeto I** Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Dulce Duque Estrada. -Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 22, p. 241-249, 2006.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NACHT, Marc. **Corps du désir. In: Le corps a ses raisons**. Atas do colóquio. Paris: Ed. Association Psychanalyse et Médecine, 2000.

NECHAR, Patricia Assuf. **Diversidade de Corpos: a ascensão do corpo gordo através das artes, redes sociais e o movimento Plus Size**. Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Joinville, 2018.

NOGUEIRA, Francisco Ronald Capoulade. **O estatuto do corpo na psicanálise de Lacan: da construção do imaginário à formalização do objeto a** . 2017.

ROUDINESCO, E., & PLON, M. (1998). **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SANTAELLA, Lúcia. "O corpo como sintoma da cultura." *Comunicação Mídia e Consumo* 1.2 (2004): 139-157.

VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. **Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia**. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004.

VIANA, T. C.; LEAL, I. **Sintomas alimentares, cultura, corpo e obesidade: questões clínicas e de avaliação**. Lisboa: Placebo, LDA, 2013.

VÍCTORA, Ligia Gomes. CORPO REAL, CORPO SIMBÓLICO, CORPO IMAGINÁRIO1. **deste número**, n. 49, p. 3, 2015.

VIGARELLO Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX**. Petrópolis: Vozes, 2012.

^NACHT, Marc. **Corps du désir. In: Le corps a ses raisons**. Atas do colóquio. Paris: Ed. Association Psychanalyse et Médecine, 2000.

^VÍCTORA, Ligia Gomes. CORPO REAL, CORPO SIMBÓLICO, CORPO IMAGINÁRIO1. **deste número**, n. 49, p. 3, 2015.

✓
✓CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 143-149, 2002.

✓LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 22, p. 241-249, 2006.

✓VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. **Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004.

✓VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. **Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004.